

4^o
A Entrega
das
espadas

344
336
8
379

indifferentes.

— Em não faço ohe pelo que diz qual
quer club politico da Figueira, observe
o general, ~~com~~ com pouco felicidade.

— As informações que recebi costumam
de uma carta de um camarada de V. Ex.^{ta}
e meu, e que V. Ex.^{ta} conhece muito bem.
Em também não faço ohe, em cousas uni-
tares, pelo que me dizem os clubs politi-
cos. Eu cumpri o meu dever informando
V. Ex.^{ta} do que se passa, o resto já não é
comigo.

E fui sentar-me no meu loger de
deputado, a ocme trinta e se passaram
na Camara.

No dia seguinte, o ministro P. d' Eça
levantou-se do seu loger e veio sentar-se
a meu lado, na bancada dos deputados.

— O major tem duvida em me despar-
ter a carta que recebeu da Figueira?

Pensei antes de responder. Pouco tempo
antes, um deputado, o Dr. Gaspar de Leuz

le nas estm em erro, tinha ~~o~~ ^{copiado} ~~o~~ ~~documento~~
~~o~~ ~~documento~~ Ao general uma carta que
 tinha recebido de um amigo na qual este
 lhe contava quaesquer irregularidades
 succedidas nas sei oute. E que tinha
 feito o general? Nem mais nem menos

que despatcher sobre a propria carta:
 "O aut. F. ... procede a averiguaçoes.
 P. d'Esp. " ^{é assim} resultou ^{que} o auctm de
 carte via-se ^{inesperadamente} embulhado num aut. de
 averiguaçoes ^{com} que elle annue contarse.
 Lembrando-me ^{pois,} deste facto, respondi:

— Ao meu ^{do} Amigo, general P. d'Esp. vos
 tenho dvida em mostrar a carta que
 recebi. Mas ao Ministerio da Guerra
 não a mostro. O general, depois de ler
 a carta, ^{resolverá se deve ou não communicar} ~~deve~~ ao Ministerio
 que ~~então~~ ^{leu}.
 — Assim não ^{entendo} ~~o~~. Não sei trabalhar
 assim.

— Oh! meu general! ~~Douglas~~ ^{De}
 não precisa de conselhos, ~~assim~~ ^e
 muito meus. Nem eu me atrevia a dar

lh'o. Mas ^{de-me licença que diga que se,} ~~o que eu fiz~~ quando
 fui ministro de guerra, alguém viesse
 dizer-me o que eu disse a V. Ex.^a, ~~que~~
 eu faria uma destas cousas: chama-
 va a Lisboa o coronel Sousa (o com.^{te}
 militar de Figueira) e, em processo pale-
 vras, ~~o~~ aconselhava ~~o~~ a não ~~se~~ ~~confiar~~
~~nem~~ ~~em~~ ~~ninguém~~ dar-me confian-
 ça especial ^{reclusiva} ~~para~~ em assumptos confi-
 denciaes a um determinado major, e a
^{que} contasse com o ^{seu camarada} ~~o~~ commandante do re-
 gimento d'arteilharia para o substituir ou
 coadjucar, evitando ^{se} assim cismes e des-
 feitos; ou, então, se achasse que o caso
 não merecia a despesa ~~de~~ a fazer com a
 vinda do coronel Sousa a Lisboa, man-
 dave que o ^{meu} chefe do Gabinete lhe escreves-
 se.

— Não sei trabalhar assim.
 E, levantando-se, foi tomar o seu lo-
 gar na bancada dos ministros.
 Depois desta conversa, que resolveu
 fazer o general?

Chamar a Lisboa o major Cre
veio Lopes !!!

Nota ^{entre elles.} ~~acorda~~ que se passou ^{na conferencia havida} entre o
ministro e o major, ~~depois~~ ^{depois} ~~do~~ ~~que~~ ~~me~~ ~~constou~~ ~~fr~~

que Craveiro Lopes regressara a Figueira
accusando os elementos republicanos de
localidade de o terem ido accusar ao
Ministerio da Guerra. Natural e que \oplus

Imagine - e, pois, o que Craveiro Lo-
pes não diria quando o ministro Cer-
veira de Albuquerque o transferiu para

Castell Branco ^{veio a Lisboa antes d}
O major ^{seguiu d} ~~seguiu d~~ ~~directamente~~
para a sua casa ^{colpeças} ~~colpeças~~, No gabi-
nete, ^{do M. G.} ~~fr~~ - the dito que a sua trans-

ferencia não obedecia a consideração
alguma de ordem politica, Foi o proprio
major que me disse isto a porta do
Ministerio da Guerra, onde me tinham
replegado que ~~este~~ ~~transferencia~~ ~~de~~
deixa a ideia de o transferir de uma
localidade, onde mais dia, meus dia,

[Faint, mostly illegible handwriting at the top of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

⊕ *[Handwritten text in Portuguese:]*
daqui resultam *[illegible]* agravamento
das *[illegible]* disposições *[illegible]* que se
entre os elementos civis republicanos
e os *[illegible]* ~~que são~~ *[illegible]*
conservadores

lhe fariam ~~uma~~ ^{uma} espera, por cause
 das suas conquistas. ~~Talvez~~ ^{ambas} ~~uma~~ ^{atras} ~~uma~~ es-
 pada ~~de~~ deixade por elle nas seu' rde.
~~O~~ ^{decontentamento} ~~que devia~~ ^{nos} ~~quarteis~~ ^{para}
~~o~~ ^{augmento} ~~soberano~~ ^{de} ~~transparencia~~ ^{ou} ~~formal~~
~~tudo~~ com o pretexto deste transparença,
~~fora~~ ^{Em} ~~19~~ ^{de} ~~januário~~ ^{januário},
 o Governo sabe que estava prestes a dar
 in qualque manifestação ou revolta
 contra elle. E' dada ordem de prevençes,
 em Art. 4, o commandante, tenente-
 coronel Thomaz de Jouse Rosa, tendo
 surprehendido

dito em uma conversa ao telefone do ajudan- Almeida
 te do regimento tenente - - -
 e sabido ~~for~~ ^{assim} ~~que~~ que no regimento
 tambem havia officiaes comprometti-
 do ~~se~~ que quer que se tramava, man-
 dou passar quia a todos os officiaes
 para se apresentarem no P. G. e chegaram
 o commando do esquadraes ao 1.º sargento,
 Na manhã de 20, sahio do quartel de Ca-
 ballaria? ~~a~~ ~~caminhos~~ do Paço de Belém
 um grupo de officiaes que desceu a cal-
 cada d'ajuda a caminhos do Paço de Belém.
 Thomaz Rose sabio. - lhes ao evento
 a frequenter - lhes onde iam, estando
 os regimentos de prevenção. Disseram
 que iam fazer uma expressa ao Pre-
 sidente de Republica.
 - Não sabem que não podem dirigir.
 se pessoalmente e directamente ao Pre-
 sidente de Republica? Têm authorisa-
 ção d'alguem para irem ao Paço de Belém?
 - Não têm. Está preso. As duas es-
 patas, meus senhores.

E pedem. o a todos. Pelo Q. G. foram
mandados por bordo de um navio de guerra
O movimento parecia ter acabado,
mas era preciso nas cantas victima antes
de tempo.

O governo descurido; julgou ^{o caso}
~~governo~~ Foi neste tarde — ou no dia de
quinta — despedi-se da ~~republica~~
que partia ~~para~~ a reprocer as unhas pres,
em apice e ... descauem.

Mas, uns diversos quartéis, começa-
ram os officiaes a apresento-se as com
mandantes das unidades ~~antigos~~ dizendo
estarem solidarios com os officiaes presos
na Calçada de Ajuda, pelo que se em
ditravam ^{tambem} presos e entregavam as suas
espartas.

No grupo a cavallo que em com
mandave ~~tambem~~ ^{tambem} quiseram entregar
a espartas, suas ~~espartas~~ ^{em suas espartas} ~~recebi~~
~~esparta alguma~~, mas ~~chamei~~ ~~apresentando~~ as
~~equipamentos~~ ~~do~~ ~~seus~~ ~~deuses~~, ~~aquelle~~ ~~que~~ ~~me~~ ~~falou~~ ~~em~~ ~~nome~~ ~~de~~ ~~todos~~
o capitão Nogueira de Carvalho, ~~com~~ ~~as~~ ~~suas~~
~~que~~, ~~chorando~~, ~~me~~ ~~deu~~ ~~um~~ ~~recar~~ ~~que~~ ~~os~~ ~~seus~~ ~~camaradas~~ ~~the~~ ~~nas~~ ~~espartas~~.
~~antes~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~se~~ ~~despedissem~~
~~sem~~ ~~a~~ ~~minha~~
~~amizades~~

desse Guard, coronel Manuel de Mattos
Costa, ~~que~~ declarou que ao receber
ordens do general Pimenta de Castro!

Imagine-se o espanto causado no
Conselho de ministros por este noticia.
Os ministros praticavam immedia-
tamente para a guerra. Era preciso actua-
r a situação; saber o que guerra fizes-
se do general Pimenta de Castro ser comi-
ssão a auctoridade competente para dar
ordens, ^à ~~pro~~ armada
elle não fazia parte.

~~Em~~ Não havia duvidas. O Presiden-
te da Republica tinha encarregado o gen-
eral Pimenta de Castro de constituir
governo, mesmo antes de demittir o que
estava. A manhã de 25 de Janeiro de
1915 volve encontrar o seguinte governo;
Presidencia e guerra, general Pimenta de Castro;
Interim, coronel ^{Paulo} Gomes Teixeira; Justiça, Dr. Guilher-
me ^{alves} Moreira, reitor da Universidade de Coimbra; Finanças, capi-
tão Honorario Galhardo; Marinha, almirante ^{João} Xavier de Brito;
Colónias, coronel Theophilo ^{João} da Trindade; Fomento, Dr. Nuno da Ponte;
Instanças, coronel ^{Manuel} Goulart de Medeiros

Éis o resultado da crabugada das espadas.
Muitos dos que a promoveram vieram
algum tempo depois, a arrepende-se.
Não esperavam tanto.

*

Em infantaria 5, aquartelado na
Graca, o coronel Pedrosa de Lima, ten-
do, da sua casa, visto qualquer cousa
porem do quartel, que se lhe tor-
nou suspeito, dirigiu-se para lá. Ao
entrar no quartel foi preso por um offi-
cial que ali estava fazendo serviço, o
capitão (?) frei Maria da Rose por ser
que a corporação dos officiaes se opusesse
a tal. Assim me contou o proprio coro-
nel. Como eu lhe estranhasse, não ter
levado consigo uma arma com que me
deixasse metter na ordem quem quer que não
obedece promptamente ás ~~suas~~ ordens,
respondeu-me que nada sabendo e con-
fiando nos officiaes, não se lembrava de
se armar.

Os officiaes de Engenharia, do regimento de Sapadores Mineiros, que estavam compromettidos, á excepção d'um, com muitos dos seus camaradas da guarnição de Lisbôa, n'um movimento puramente militar, tendo por fim obter de Sua Ex.^a o Snr. Presidente da Republica a reintegração nas suas collocações de officiaes ultimamente transferidos, affirmam pela sua honra que são absolutamente falsas e calumniosas todas as informações que pretendam levar ao convencimento de que se tratava de qualquer questão politica.

Declaram mais que, tendo tomado o compromisso de honra de seguirem a sorte dos seus camaradas, entregaram as suas espadas, e se encontram presos no quartel, desde que chegou ao seu conhecimento a prisão do primeiro official compromettido no movimento.

Ao Povo Portuguez

CIDADÃOS:

Sobre a origem dos tristes acontecimentos que estamos presenciando, pode ficar alguma duvida no vosso espirito, pois enquanto os orgãos do governo e seus sequazes, nos dizem que se trata duma manifestação monarchica, os officiaes manifestantes afirmam que nada tem com a politica e o seu fim é apenas zelar o decoro e brio militar, acabando com a interferencia dos elementos civis na sua vida interna.

Para dissipar essa duvida do vosso espirito e poderdes avaliar com justiça de que lado está a verdade, basta expor-vos o que se tem passado nesta Divisão desde que faço parte dela.

Dados os indisculpaveis acontecimentos de outubro ultimo, o regimento de Infantaria n.º 13 é acusado no jornal «O Mundo» de estar comprometido no movimento. Superiormente é mandado o coronel Goulart de Medeiros, sindicarem dos factos mencionados naquele jornal, depois é mandado um General; mas como nenhum destes encontrassem culpabilidade alguma aos officiaes daquele regimento, é mandado, com plenos poderes, um esbirro da policia do Porto, um tal sr. Baptista da Silva, se assim é o seu nome; este, tambem nada encontrou de culpavel no procedimento dos officiaes, mas era preciso satisfazer os odios e vinganças mesquinhas dos demagogicos vilarealenses e quatro officiaes foram vexados e mandados por este snr. ficar presos e incomunicaveis durante perto de *sessenta dias*; consentindo se lhes apenas nos ultimos tempos que durante duas horas falassem com as suas familias!...

O sargento ajudante, homem já encanecido no serviço, é por vingança, segundo dizem, mandado tambem ficar preso e incommunicavel; não se tendo em consideração o estado grave de saude em que se achava a sua esposa; esta pobre senhora, quando teve a noticia de que seu marido se achava preso e acusado de conspirador, falleceu; os farçantes tiveram a *generosidade* de o deixar ir enterrar a esposa que haviam assassinado, voltando depois a ficar preso e incomunicavel!...

Seguindo o processo os seus tramites, veio ás mãos do juiz promotor que os mandou soltar a todos, por não encontrar motivos, nem ao menos para os processar, pois nem o regulamento disciplinar haviam infringido.

O General Ivens, comandante da Divisão, tendo castigado disciplinarmente duas praças de pret, das relações dos taes demagogos, porque tendo conhecimento de factos contrarios á disciplina, sucedidos no quartel do regimento, deixaram de dar deles conhecimento aos seus superiores, é exonerado do comando da Divisão; nomeando para o substituir interinamente o coronel Gouveia, como tambem não agradasse aos taes demagogos é mal tratado logo no jornal «O Noticias de Vila Real» e poucos dias depois mandado fazer serviço para outra Divisão.

Diz-se, o que me custa a acreditar, que ha officiaes auxiliares e instrumentos destes demagogos, pois não creio que o nivel moral do nosso exercito descesse tão baixo; será possivel que haja officiaes tão faltos de caracter e dignidade humana, tão faltos de brio e decoro militar que desçam ao papel de bufos e delatores dos proprios camaradas, dos seus irmãos d'armas, dos seus companheiros no campo da batalha, por quem tem o dever de verter o seu proprio sangue...!?

Não o sei, contudo diz-se.

E' este, povo Portuguez, o estado moral do nosso exercito e contra o qual protestam os officiaes como brio e pundonôr.

Cidadãos! o Exercicio não pertence a nenhum grupo politico, não é do sr. Afonso Costa, do sr. Antonio José d'Almeida, nem do sr. Brito Camacho, é da Republica. O seu papel é mais nobre e elevado do que ser serventuario dos interesses e paixões dos partidos, é a garantia da liberdade, é a garantia da ordem e do trabalho, é o fiel da balança entre as paixões dos partidos, tendo de lhes garantir a liberdade d'acção sem favorecer nenhum deles; mas por isso mesmo tem de ser livre e digno e brioso sem que na sua organização interna se intrometam as paixões e interesses dos partidos politicos.

Vila Real, 24 de Janeiro de 1915.

Manoel Vieira Ribeiro

Major de engenharia.